



A experiência de uma jovem agricultora com canteiro econômico no município de Casa Nova - BA

Paula Oliveira da Silva¹; Gerusa Oliveira²; Ronaldo Oliveira da Silva³; Dulce Naiara Carvalho Ferreira⁴; Aparecida Luísa Reis⁴

⁴Serviço de Assistência Socioambiental no Campo e Cidade (SAJUC),
dulceagronomia10@gmail.com; cidissimaluisa@hotmail.com;

Eixo Temático: Juventudes e Agroecologia

Apresentação

A experiência contada por meio desse relato é vivida por Paula Oliveira da Silva, sua mãe Gerusa e seu irmão Ronaldo. A família de Paula é uma das 600 famílias participantes do projeto Pró - Semiárido (CAR/SDR/FIDA) e assessoradas pela organização SAJUC - Serviço de Assistência Socioambiental no Campo e Cidade no município de Casa Nova, Território de Identidade Sertão do São Francisco no estado da Bahia. A parceria SAJUC/Pró - Semiárido prioriza apoiar iniciativas que auxiliem a impulsionar e intensificar a produção, em concomitância com a promoção do uso sustentável dos recursos naturais com base nos princípios da agroecologia e de convivência com o semiárido.

Contextualização da experiência

A comunidade Riacho Grande localiza-se na zona rural de Casa Nova, um município do Território Sertão do São Francisco, no Estado da Bahia que está inserida na região do Sub-médio São Francisco, em torno do Lago de Sobradinho, centro-norte do estado, região semiárida definida por altas temperaturas, baixas precipitações e elevados índices de evapotranspiração, possuindo uma baixa capacidade de retenção de água no solo, com características arenosas presentes em grande parte dos solos utilizados na região. É uma comunidade tradicional de Fundo de Pasto e possui mais de 400 famílias. Em períodos de cheia do rio São Francisco, uma parte da comunidade fica próxima às margens do rio. Entretanto, mais da metade vivem em área de sequeiro, tendo na criação de caprinos, na apicultura e no plantio de mandioca as principais atividades produtivas e de geração de renda. Os agricultores de Riacho Grande criam em um área coletiva de aproximadamente 26 mil hectares. Há anos a comunidade luta pela posse desta terra que já ocasionou diversos conflitos, inclusive com morte de agricultores que lutavam pela permanência na área em questão.

Neste contexto, a experiência aconteceu no quintal agroecológico da jovem Paula, que possui 22 anos, é solteira e mora com os pais e irmãos, no qual a mesma faz parte de um grupo de Jovens da comunidade, e é bem ativa em participação comunitária. Paula está cursando o curso Técnico em Agroecologia, onde se desloca todos os dias para estudar na sede do município que fica a 50 km do sítio onde mora. Por ser participante do Projeto Pró-Semiárido e receber assessoramento



técnico continuado (ATC) ela implementou as tecnologias sociais do quintal telado com três canteiros econômicos e uma cisterna calçadão para produção de hortaliças como forma de garantir a segurança alimentar aproveitando as águas de enxurrada geralmente desperdiçadas.

Desenvolvimento da experiência

Percebendo a oportunidade fornecida pelo Projeto e atuação do SAJUC, Paula com a ajuda do seu irmão Ronaldo que também é jovem e da técnica de campo Aparecida implementam o canteiro econômico no seu quintal.

O canteiro econômico é feito com bloco, lona, cano e telha. Paula e Ronaldo primeiro cavaram o buraco de 25 centímetros de profundidade, 5 metros de comprimento e 1 metro e 20 centímetros de largura. Depois, levantaram as laterais com bloco e cimento, colocaram a lona, o cano do gotejamento com a cobertura de telha e colocaram ainda uma cobertura vegetal por cima da telha, para a terra, que mesmo com a telha por cima, não chegue a entupir os buracos feitos no cano de baixo e impedindo que a água saía, logo depois colocaram a terra e, por último, o esterco curtido. Ela conta que é costume na comunidade utilizar o esterco de bode na adubação. “Dizem que é mais eficiente do que ao gado e que tem todo um preparo para ser usado. Coloca o material num pneu com água e deixa curtir durante 8 dias, sempre renovando”, explica. Com o adubo preparado desta forma, a família consegue produzir um pouco de tudo: beterraba, alface, coentro, cebolinha, pimentão, tomate e abóbora.

O cano de gotejamento tem duas extremidades abertas para cima que recebem água. Através destas aberturas, o canteiro é aguado. O cano é todo furado nas laterais e vai de uma ponta a outra do canteiro para manter a umidade. Outro diferencial é a lona que impede a água de infiltrar no solo, visto que é bastante arenoso. Técnicas simples como estas ajudam a diminuir a quantidade de água para manter o canteiro.

E assim molharam o canteiro pelos canos e por cima e aguardaram a terra sugar a água. Após esse processo, fizeram as leiras plantando primeiro o alface, um detalhe importante: fizeram o processo de plantio de acordo como a Paula e sua mãe plantam; deram um espaçamento de 15 cm mais ou menos para cada fileira de alface e não usaram mudas e sim as sementes, para quando começar a germinar e fazer o raleio. Nas leiras de coentro usaram o espaçamento de mais ou menos 10 cm entre as fileiras. Quebraram as sementes porque elas plantam dessa forma e semearam nos sucos já feitos e cobriram com terra em seguida. Pelo fato do sombrite ter 50% de proteção contra o sol, colocaram por cima do canteiro alguns galhos de planta para proteger a terra até o início da germinação que é mais ou menos de 5 a 8 dias, a depender das sementes usadas, passando esse período os galhos podem ser retirados ou não. Paula ainda iria plantar outras espécies, como abóbora, tomate cereja e rúcula, além de algumas plantas medicinais que nos relatou que servem de proteção para as hortaliças combatendo insetos e pragas.



Figura 1. Paula e Ronaldo montam o canteiro econômico.
Fonte: Aparecida Luísa Reis.



Figura 2. Implementação da lona.
Fonte: Aparecida Luísa Reis.



Figura 3. Implementação do cano.
Fonte: Aparecida Luísa Reis.



Figura 4 – Paula realizando o plantio no seu canteiro econômico.

Fonte: Aparecida Luísa Reis.

Desafios

De início nas formações e oficinas muitas agricultoras/es não demonstram confiança no método de irrigação, pois o canteiro econômico não é irrigado a partir da superfície do solo com regadores manuais ou aspersores como se faz convencionalmente, porém de baixo para cima, através do enchimento com água de tubos enterrados sob o canteiro, evitando assim as perdas por evaporação e infiltração para as camadas mais profundas do solo. Esse desafio tem que ser superado na prática e na implementação do canteiro como a Paula realizou, para sair da teoria e olhar na realidade do que é possível, a Paula relata ainda que muito do que ela aprende no curso técnico em agroecologia aliado as estratégias de economia e reuso de água consegue melhorar ainda mais o seu quintal.

Principais resultados alcançados

O canteiro econômico reduz significativamente as perdas de água por evaporação (muito comum nos sistemas de irrigação convencionais), pois a água utilizada não entra em contato direto com o ar geralmente quente da superfície, pelo contrário através do tubo perfurado ela é jogada abaixo da superfície do solo entrando em contato diretamente com a parte da planta na qual é absorvida, ou seja, a raiz. As práticas aliadas a tecnologia social adquirem grande importância quando se recorda que a evapotranspiração é a responsável pela perda de água tanto dos solos quanto das plantas no Semiárido e a economia por água fica de extrema importância.

A produção de hortaliças está gerando a denominada renda não monetária aquela que é produzida devido à economia de recursos não gastos, o que tem permitido a aquisição de outros bens da cesta básica, como carne, leite e produtos pessoais como creme de cabelo, escova, entre outros. Isso através da geração de renda monetária propriamente dita, através da venda das hortaliças para os vizinhos e em feiras da agricultura familiar, no qual a Paula já enviou suas hortaliças por uma vizinha para a mesma comercializar na I Feira da Agricultura Familiar de Casa Nova. A produção baseada nos princípios agroecológicos está aumentando a segurança alimentar da família beneficiada e aumentando a renda obtida com a venda de



hortaliças, demonstrando assim a viabilidade socioambiental desta tecnologia para a Convivência com o Semiárido.

Disseminação da experiência

Pelo fato de esta estudando no curso Técnico em Agroecologia a Paula é sempre chamada para participar de palestras e encontros de aperfeiçoamento. A jovem agricultora, ainda participa de encontros na comunidade. Sua última participação foi na Festa da Vida promovida pela Diocese da igreja católica, em Juazeiro-BA. Onde pôde representar sua comunidade. Com a implementação dos canteiros econômicos Paula transmitiu seu conhecimento para o seu pai, o Sr. Paulo, sua mãe a Sr.^a Gerusa e seu irmão Ronaldo, no qual ambos no começo duvidaram da eficiência do canteiro por conta da forma de irrigação. A proposta da técnica de campo que assessora a família, é utilizar a experiência da Paula com os canteiros econômicos nas rodas de aprendizagem que é uma metodologia de troca de saberes que o projeto utiliza, como também em oficinas e intercâmbio.

Outras famílias que participam do projeto implementaram também tais tecnologias, e a experiência vem dando certo e surtindo os mesmos resultados.